

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Cadernos de ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

42

Organizado por:

Eni Puccinelli Orlandi

HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: Carlos Henrique de Brito Cruz

Vice-Reitor: José Tadeu Jorge

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Luiz Carlos da Silva Dantas

Diretora-Associada: Maria Augusta Bastos de Mattos

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenadora: Lúcia Kopschitz Xavier Bastos

EQUIPE EDITORIAL

J.A. Duek/L.A. Santos/E.A. Santos

Capa-Projeto: J.A. Duek

Layout e Arte Final: E.A. Santos/L.A. Santos

CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS é uma publicação semestral do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. A revista aceita colaboração de pesquisadores de outras Instituições, publicando estudos em português, espanhol, inglês ou francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial.

Para remessa de originais, aquisição de números avulsos e assinaturas, dirigir-se a

UNICAMP/IEL

Setor de Publicações

Caixa Postal 6045

13084-971 - CAMPINAS - SP - BRASIL

Fone/Fax.: (19) 3788 1528

e-mail: *spublic@iel.unicamp.br*

<http://www.unicamp.br/iel/>

PEDE-SE PERMUTA

SUMÁRIO

Apresentação	5
ELEONORA CAVALCANTE ALBANO A pulsação sob a letra: pela quebra de um silêncio histórico no estudo do som de fala	7
ENI P. ORLANDI A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil	21
CLÁUDIA THEREZA GUIMARÃES DE LEMOS Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação	41
EDUARDO GUIMARÃES Os estudos da significação no Brasil	71
KANAVILLIL RAJAGOPALAN Sobre a especificidade da pesquisa no campo da pragmática	89
MARIA IRMA HADLER COUDRY Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística	99
JOSÉ LUIZ FIORIN Esboço da história do desenvolvimento da Semiótica Francesa	131
ALBERT AUDUBERT À memória de Paul Teyssier	147

UMA HISTÓRIA E MUITAS IDÉIAS OU UMA IDÉIA E MUITAS HISTÓRIAS

Em nosso projeto, História das Idéias Lingüísticas no Brasil, temos objetivado dar elementos para que professores e alunos, ou pesquisadores em geral, que trabalham com o conhecimento da linguagem, possam se situar nesse longo processo de produção de conhecimento tendo assim condições reais de elaborar sua posição face às filiações em que se inscrevem. Desse modo, o resultado de um programa de trabalho como este acaba, em seu conjunto, por dar a conhecer a história de uma ciência mas também por fazer compreender como toma forma a tradição lingüística brasileira. Esta nossa posição é plena de pressupostos e de conseqüências. Um dos pressupostos é de que a relação que mantemos com a produção de conhecimento sobre a língua não é indiferente ao modo mesmo como a língua se constitui enquanto língua nacional, língua comum a um povo, a um país, ou a um território ou a uma cultura, ou Estado (cf. E. Orlandi, org. 2001 e E. Orlandi, 2002), e seus modos de representação para os sujeitos. O outro é de que a história do saber sobre a língua, além de ser responsável pela constituição da língua e das políticas que o Estado sustenta, através da administração institucional desse saber e da maneira como os sujeitos se relacionam com ele atravessando a própria língua que praticam, se constitui em certas condições e produz especialistas da área que têm a ver como esta se estabelece, enquanto uma área de conhecimento específica com suas características.

Ouvi, certa vez, uma conferência, em que se dizia que os cientistas se relacionam afetivamente com seus objetos. Uns são apaixonados por eles e os abrem para diferentes experiências, outros querem solucionar, resolver as questões e fechar o objeto no círculo do já sabido, porque não o suportam. Se as relações com nossos objetos de conhecimento são atravessadas de emoções, somos, no mínimo ambíguos, com nosso amor e nosso ódio pelos nossos objetos. Mas tendemos para um ou outro lado. Não penso em fechar meu objeto no já sabido. Sou dos que, preferentemente, amam, são fascinados pela linguagem, e por isso a exponho, e me exponho, a seus efeitos. Não penso em “solucionar” mas em compreender a linguagem, aprimorando o modo como a interrogo.

Os textos que aqui estão presentes, e que se ligam a diferentes disciplinas no interior da lingüística, são objetos de linguagem que mostram essa abertura e, ao mesmo tempo, testemunham a forma como os estudos da linguagem tomam uma configuração própria e fazem seu trajeto na tradição da história das idéias no Brasil. São autores com suas idéias. Sensíveis. Precisos. Experimentados. Não são iguais. São diferentes. Mas todos, sem exceção, fazem a história de nosso saber sobre a língua no Brasil, com empenho, com solidez e com conseqüência. Por isso é fácil e por isso é

muito difícil apresentá-los individualmente. São carregados de história. Em suas singularidades. Então, vou deixá-los apresentarem-se por si mesmos. Pelo corpo de seus textos, suas formulações. Só darei, como apresentação, o quadro geral em que aparecem.

A maior parte são professores do departamento de lingüística do IEL, que faz 25 anos, este ano, enquanto departamento do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Uma vida cheia de realizações e de disponibilização de condições para que os trabalhos se fizessem em todas suas potencialidades. Daí as novidades, daí uma institucionalização plena de realizações e de novas perspectivas sempre abertas. Na docência e na pesquisa. Uma grande variedade de filiações teóricas estão presentes no cotidiano desta instituição que abriga um grande elenco de docentes e pesquisadores de linguagem variados em seus instrumentos teóricos e metodológicos e em seu projetos. Além disso, essa riqueza de perspectivas sempre se abriu generosamente para o Brasil. E os trabalhos apresentados por estes colegas nesse volume atestam essa riqueza, esse compromisso com a docência e com a pesquisa, essa responsabilidade intelectual assumida com o conhecimento de linguagem no Brasil. Não menos generosos são os trabalhos dos dois colegas que não são colegas do nosso cotidiano institucional mas estão presentes na história de produção do saber lingüístico no Brasil, em suas especialidades. Temos, então, um texto brasileiro sobre o percurso histórico da semiótica, na França, e temos um texto, traduzido do francês, de um percurso de história feito por franceses e brasileiros conjuntamente. Ambos, intelectuais que cuidaram não só do próprio trabalho mas também da inscrição institucional desse conhecimento. Um, aqui no Brasil, sustentando reflexões imprescindíveis em seu departamento, em sua Universidade, e também na relação com órgãos formuladores de política científica no Brasil; o outro, abrindo trajetórias em que brasileiros e franceses se frequentavam com regularidade, construindo um percurso para os estudos lingüísticos. Como nos lembrava, em uma reunião do Projeto História das Idéias Lingüísticas, a colega Sabina Kundmann, a então “cadeira” de francês na pessoa desse professor, foi responsável, na condução dos leitorados brasileiros na França, pela formação de muitos dos primeiros linguistas brasileiros que, uma vez formados, compuseram o processo já em curso de invenção da nossa tradição brasileira de estudos da linguagem. Tradição que se faz em espaços abertos pelo mundo, onde Teyssier e Celso Cunha transitam, onde Gil Vicente e Guimarães Rosa não se afastam. Sem falar na poesia, traduzida, de Manuel Bandeira.

Considero assim um privilégio a organização e apresentação desse volume da nossa revista e agradeço os colegas que contribuíram para que ele se efetivasse.

Campinas, maio de 2002

Eni Puccinelli Orlandi